

ENSINO DE SOCIOLOGIA E ESPAÇO MUSEOLÓGICO: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

Graziela Marafiga Kaus*

Resumo: O artigo “Ensino de Sociologia e espaço museológico: uma experiência vivenciada”, realizado no Museu Histórico Fernando Ferrari – São Pedro do Sul/RS visou reconhecer a Sociologia como disciplina do Ensino Médio, identificar possibilidades de relação com o espaço museológico e contribuir para as deficiências que essa disciplina carrega ao decorrer do tempo. Como metodologia apresenta-se o relato de uma experiência vivenciada no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa e de forma descritiva. Descrevem-se as possibilidades da relação entre o Ensino de Sociologia e o espaço museológico, através do contato direto entre os envolvidos, sob a luz de diferentes teóricos. Nessa perspectiva, o espaço museológico mostrou-se como um aliado da disciplina de Sociologia, uma instituição que por meio de iniciativas educacionais planejadas pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da noção de temporalidade, exercício da pesquisa e preservação da memória. Paralelo a isso, é importante ressaltar que desse encontro entre a sociologia e o espaço museológico, todos os envolvidos contribuíram para a construção do conhecimento dentro de suas realidades, devido às relações de empatia, proximidade, coletividade e curiosidade que se estabeleceram.

Palavras – chave: Espaço Museológico; Ação educativa; Sociologia; Indústria Cultural.

Abstract: The article “Ensino de Sociologia e espaço museológico: uma experiência vivenciada” accomplished at Ferrari Fernando Historical Museum - São Pedro do Sul / RS, aims to recognize sociology as a High School subject, identifying possibilities of relationships with the museum space and contribute to the deficiencies that this subject carries to the course of time. As methodology it's presented the report of a lived experience in the development of qualitative research and descriptively. Describes the possibilities of the relationship between the Sociology Education and the museum space, through direct contact among the involved ones, based in different theoretical. In this perspective, the museum space showed to be an ally of the subject of Sociology, an institution that through planned educational initiatives can contribute to the development of critical thought, the notion of temporality, conducting research and memory preservation. Parallel to this, it's important to highlight that from this meeting between the Sociology and the museum space, everyone involved contributed to the construction of knowledge within their realities, due to empathic relationships, proximity, collectivity and curiosity that settled.

Keywords: Museum apace; Educational Action, Sociology; Cultural Industry

* Licenciada em Geografia - Licenciatura Plena pela UNIFRA (2008). Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Sociologia no Ensino Médio, orientada por Cleber Ori Cuti Martins. E-mail: gmkaus@gmail.com

INTRODUÇÃO

A disciplina de Sociologia, conforme Tomazi (2010) preocupa-se cientificamente em estudar a vida em sociedade, suas transformações ao longo do tempo, e os diferentes paradigmas históricos, políticos, econômicos, culturais e sociais que as influenciaram. Como disciplina no Ensino Médio apresenta-se como um conteúdo novo, marcada por discontinuidades e carências teórico-metodológicas o que torna o ensino de Sociologia um desafio constante.

Buscar o reconhecimento da disciplina e legitimá-la como instrumento formador, saber o que ensinar e como ensinar em Sociologia no Ensino Médio exige o envolvimento da escola como um todo, tornando-se um projeto político, social, cultural e pedagógico a ser construído.

Nessa perspectiva, observa-se o espaço museológico como um aliado deste projeto, uma instituição a serviço da informação, do conhecimento e da pesquisa que abriga os registros da sociedade e do tempo e que pode através da aproximação com a Sociologia permitir produtivas aulas. A ligação entre as aulas de Sociologia e o espaço museológico acontece naturalmente, pois ambos estão ligados com as interações pessoais e as transformações da sociedade, um através dos estudos e das pesquisas, o outro através das exposições e registros dos fatos.

Nessa direção, este estudo objetivou reconhecer Sociologia como disciplina do Ensino Médio e identificar as possibilidades de relação com o espaço museológico, o qual demonstrou que conteúdos sociológicos também podem ser explorados fora do ambiente escolar, o que pode contribuir para as deficiências que a disciplina carrega ao decorrer do tempo.

Como metodologia apresenta-se um relato das experiências vivenciadas no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa e de forma descritiva. Descrevem-se as possibilidades da relação entre o Ensino de Sociologia e o espaço museológico, através do contato direto entre os envolvidos, sob a luz de diferentes autores que abordam a temática. Optou-se pela observação participante uma vez que essa forma de observação permite ficar face a face com os observados, envolvendo-se com eles naturalmente permitindo assim a coleta de dados em uma variedade de situações e comportamentos.

Por tratar-se da Sociologia, uma ciência complexa e de enfoques muito abstratos que muitas vezes não podem ser mensurados ou colocados à prova em laboratórios optou-se por esse tipo de metodologia. Os envolvidos foram alunos do 2º ano do Ensino Médio da rede estadual de ensino do município de São Pedro do Sul e o professor de Sociologia da referida turma, o qual desenvolveu uma aula no espaço museológico levando em consideração as abordagens feitas em sala de aula, os

conhecimentos prévios dos alunos e o acervo do Museu Histórico Fernando Ferrari, palco dessa ação educativa.

O ENSINO DE SOCIOLOGIA E O ESPAÇO MUSEOLÓGICO

Sociologia e Museu são termos relacionados e relacionáveis por estarem vinculados à educação, seja ela formal, ou não formal. Trazem junto de si linguagens e temas construídos pela história, em um processo dinâmico e de muito valor à humanidade. Nesse contexto, tanto o Museu quanto a Sociologia importam-se em conhecer as transformações da sociedade, dos fenômenos humanos e dos fatos a serviço da cognição e da socialização.

A Sociologia como disciplina do Ensino Médio permite aos alunos a compreensão do cenário histórico e atual da sociedade, estando vinculada às transformações que ocorrem no dia a dia da humanidade em relação ao tempo e ao espaço. Para Ferrarotti (1986), serve em primeiro lugar, como instrumento de conhecimento, a qual juntamente com as outras ciências, diz como funciona as instituições sociais, quais as regras escritas e não escritas que os indivíduos e os grupos sociais se apoiam. Segundo o autor a sociologia desenvolve um trabalho de análise crítica da interconexão do social, fazendo uso da racionalidade para esclarecer as razões profundas das práticas sociais. É quando se coloca nessa posição crítica que a Sociologia incomoda muitos grupos e indivíduos, uma vez que investiga e desvenda tendências ocultas colocando em risco muitos interesses ou mesmo convicções e concepções consideradas de “fachada”. Na Sociologia para o Ensino Médio, é essa posição crítica que se pretende, para formar indivíduos autônomos, que se transformem em pensadores independentes, capazes de interpretar fatos e fenômenos do dia a dia, formando o próprio pensamento e julgamento desses acontecimentos.

Juntamente com Viana (2006), recordando os movimentos da Sociologia no Brasil, podendo citar quatro momentos fundamentais no processo de efetivação. O primeiro chamado de elaboração (final do século XIX até a década de 30) teve forte influência da Europa e dos Estados Unidos, de onde os pensadores buscaram inspirações e explicações para os acontecimentos nacionais, principalmente os relacionados à política, identidade nacional e questões raciais. Vale salientar que esse início foi impulsionado pelas migrações, pela industrialização e a urbanização do país principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, estados onde a Sociologia se desenvolveu de maneira mais consistente e estruturada.

O segundo momento aconteceu entre 1930 e 1945, foi o início da institucionalização com o aparecimento da “sociologia científica”, aonde se procurava dar ao ensino e a pesquisa o mesmo nível

dos países europeus e americanos, marcado pela vinda de vários intelectuais para o Brasil, como Jacques Lambert, Lévi-Strauss e Roger Bastide.

Em 1945 inicia o terceiro momento de formação da Sociologia no Brasil, conhecida como consolidação, período em que a Sociologia brasileira começa a desenvolver sua originalidade. É nesse contexto que surge a “Escola de Sociologia Paulista” a qual teve como líder o sociólogo Florestan Fernandes, inaugurando uma nova época na história da Sociologia brasileira. Esse período não só revela novos horizontes para a reflexão teórica e a interpretação da realidade social, como permite reler criticamente muito do que tem sido a Sociologia brasileira, uma vez que uma das grandes preocupações na Sociologia do período era escapar da alienação, da doutrina e cópia de ideias externas.

O pleno desenvolvimento da Sociologia se dá em um quarto momento, por volta da década de 60, marcado por pressões de grupos conservadores de um lado e forças democráticas de tendência socialista de outro. As pesquisas priorizaram temas contemporâneos como as questões econômicas, movimentos urbanos, modelo sindical e questões políticas, as quais contavam com o apoio do consagrado sociólogo Florestan Fernandes.

Com respaldo de Tomazi (20017), evidencia-se então que a consolidação da Sociologia no Brasil aconteceu tardiamente em relação à Europa e aos Estados Unidos, marcada por muitas influências externas, pelo capitalismo e pelo surgimento das classes sociais, fatores que instigaram a ciência a buscar explicações aos problemas sociais brasileiros. Embora tenha tido essa “dependência” intelectual inicial ao longo do tempo a Sociologia no Brasil resistiu às repressões e ao autoritarismo, foi ganhando maturidade, qualidade e condições para pensar criticamente a realidade nacional até fazer parte efetivamente do currículo do Ensino Médio e expandir suas influencias tanto na esfera pública quanto privada.

Ao falar em Sociologia no Ensino Médio, ou seja, em Sociologia escolar é conveniente explicitar os entres e descontinuidades desta disciplina no cenário educacional do país. Com base em Tomazi (2007), em termos institucionais a Sociologia no Brasil teve início no final do século XIX e início do século XX, com a intenção de formar intelectualmente os jovens fora do contexto religioso predominante. Por volta de 1940 a 1980, a Sociologia foi extinta dos currículos oficiais, e só após 1980 voltou gradualmente nas instituições de ensino em diferentes estados brasileiros. Destaca-se nesse contexto, a Lei Federal 11.684 de 02 de junho de 2008, que estabelece a obrigatoriedade da presença da Sociologia em todas as séries do Ensino Médio com a obrigação de formar cidadãos críticos perante os eventos da sociedade.

Contudo, garantir a obrigatoriedade da disciplina no espaço escolar não significa que os impasses da Sociologia estejam resolvidos. São poucas aulas semanais, geralmente ministradas por profissionais sem formação específica na área e com carência de materiais didático-pedagógicos

demonstrando que a disciplina ainda precisa conquistar seu espaço no ambiente escolar e na comunidade. Silva diz que:

É interessante observar que a volta desta disciplina implica em inúmeros problemas, tais como: a falta de tradição, experiência e pesquisa sobre o ensino de Sociologia; a falta de material didático adequado aos jovens e adolescentes; a falta de metodologias alternativas e eficazes no ensino desta disciplina. (SILVA, 2004, p.83)

Assim torna-se necessário pensar e dialogar sobre todas essas limitações da disciplina, e neste caso será dado foco às possibilidades de como ensinar os conteúdos que a compõe, pois quando a Sociologia voltou a ser obrigatória no Ensino Médio não houve tempo suficiente de ser preparada científica e pedagogicamente para se legitimar no contexto escolar, conforme afirma Silva:

[...] existe menos reflexão, estudos e experiências sobre o ensino de sociologia. Estamos numa fase em que temos que estruturar essa dimensão de nossa ciência, a dimensão didática, pedagógica e de reprodução de conhecimentos científicos nos níveis mais básicos da formação humana nas escolas (SILVA, 2005a, p. 3).

Ao compartilhar a ideia da autora percebe-se a importância em aprofundar-se os estudos sobre as dimensões didáticas da Sociologia, com base nas finalidades da disciplina para que as aulas se tornem atrativas e capazes de transformar intelectualmente os alunos. Trabalhar as transformações da sociedade ao longo do tempo, a cidadania, cultura, identidade, economia, trabalho, política e poder, as conexões entre estes temas e outros tantos assuntos que compõem o ensino de Sociologia é uma tarefa complexa e necessita não apenas do conhecimento científico por parte do professor, como requer também conhecimento pedagógico e ferramentas que transformem os conteúdos em aprendizagem significativa aos jovens.

Para essa aprendizagem significativa ocorrer,

“o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem”. (GASPARIN, 2005, p. 15).

O fazer docente, deve, portanto, considerar os conhecimentos prévios dos alunos, para despertar o desejo de aprender, a reflexão acerca do cotidiano e assim permitir um novo olhar sobre os fatos que os rodeiam, pautado em objetivos claros, conteúdos significativos, planejamentos bem estruturados e uma avaliação diagnóstica que permita repensar erros e potencializar os acertos.

Pensando em criar um clima favorável à aprendizagem sugere-se neste trabalho uma parceria entre escola e espaço museológico. Por que não aliar museu e escola a serviço da construção do conhecimento sociológico? Por que não usar o museu como um recurso didático para o ensino de Sociologia? Para SOUZA (2007, p.11), “Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos”, e tem como função possibilitar uma espécie de “conforto” para o professor ao ensinar. Os recursos didáticos

existem para motivar os alunos a aprender, fornecer informação, instigar habilidades, possibilitar a expressão e a construção de conhecimentos.

Nesse olhar, o Museu aparece como fundamental para a disciplina de Sociologia, não só por ser uma atrativa fonte de pesquisa e aprendizagem para os alunos, mas também por carregar consigo a história de vida de uma comunidade em diferentes contextos históricos, tornando-a mais “concreta”.

De acordo com o Conselho Internacional de Museus (1986), o museu se define como uma instituição a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, geralmente é aberto ao público, desenvolvendo um papel de recurso educativo a ser usado por todos os setores da população ou grupos especializados, com o objetivo de preservação, pesquisa e comunicação por meio das exposições permanentes e temporárias.

Museu também é um lugar de memória, ou seja, um espaço de lembranças de gente, representadas por objetos que retratam a história de pessoas e lugares e que afloram no presente os acontecimentos do passado. Para Felix (2002) a memória faz parte da evolução humana, é uma maneira de recuperar mentalmente o passado, pois o passado enquanto tal não volta. A memória é uma espécie de evocação, que se utiliza de suportes como a fotografia, os manuscritos, obras de arte, entre outros para se revelar. Nesse sentido cabe ao museu proteger as fontes de memória e revivê-las, a bem de contribuir para a consolidação de valores, saberes e, enfim, para que sirvam de base para novas vivências.

O acervo museológico, ou seja, a produção histórica e cultural encontrada no museu como pertences de pessoas da comunidade, objetos do cotidiano, fotografias, esculturas, quadros, músicas, cinema, entre outros é rica em informações que ao serem trabalhadas pelo professor de sociologia podem se tornar conhecimentos sociológicos. A “linguagem” diferenciada encontrada no museu não só facilita a interpretação e a compreensão de fenômenos sociais como também proporciona momentos de reflexão e instiga a imaginação dos educandos. Ao aproximar-se do acervo museológico o aluno aproxima-se também do conhecimento de uma maneira diferenciada, uma espécie de aula “viva”. Nesse caso as informações contidas nos espaços museológicos podem ser até mais completas do que as trazidas nos livros didáticos uma vez que levam em consideração a realidade de uma comunidade, contextualizando-a a outros vários campos de ensino e pesquisa.

Para Nassarala (2003), o museu pode ensinar História, assim como Física, Biologia, Geografia, entre outros. Para isso é necessário que os professores pensem nesse espaço como uma fonte de pesquisa que requer método de ensino e conhecimento prévio desse recurso didático em questão.

Uma aula de Sociologia no museu deve ser pensada como uma aula participativa, um momento de diálogo entre alunos, professores e funcionários que nele trabalham para que se torne ainda mais enriquecedora. É nessa troca que surgirão muitas dúvidas, polêmicas e descobertas, uma forma de

agregar também qualidade às relações humanas. A troca de conhecimento e informações entre essas áreas aponta uma abertura para o mundo, para o enriquecimento do conhecimento dos sujeitos envolvidos, pois o espaço museológico é um espaço dinâmico, no qual muitas marcas ficam impressas, questões são levantadas, a diferença e a diversidade exploradas e conflitos descobertos, possibilitando uma gama de reflexões para a Sociologia.

REFLEXÃO E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

O presente trabalho foi realizado a partir de uma experiência vivenciada com uma turma do 2º ano do Ensino Médio da rede Estadual de ensino, durante aulas de Sociologia, no Museu Histórico Fernando Ferrari- São Pedro do Sul no ano de 2015. Esta proposta surgiu após conhecer algumas deficiências e dificuldades enfrentadas pelos professores da disciplina de Sociologia relacionadas à prática pedagógica, aos recursos didático-pedagógicos e aos conteúdos trabalhados na disciplina. Após a fundamentação teórica foi feita uma articulação da mesma com e as constatações realizadas durante esta ação no espaço museológico.

O Museu Histórico Fernando Ferrari, palco dessa ação educativa é composto por um acervo histórico diversificado, documentos, fotos e objetos que restauram a memória do município e contribuem para a formação da identidade dessa comunidade. Além de ser um atrativo turístico, o Museu é um espaço de pesquisa muito procurado por estudantes do ensino fundamental, médio e superior, uma vez que guarda vestígios de vida e possibilita a aproximação do passado com o contemporâneo, o abstrato com o real.

Antes de aprofundar as reflexões acerca do tema, faz-se necessário o entendimento sobre o que é ação educativa e para que serve no âmbito educacional e cultural. Conforme o glossário da Revista Museu, (1981):

“Ação educativa: procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada para a transmissão de conhecimento dogmático, resultando em doutrinação e domesticação, ou para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Neste caso, deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida dessa maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus”.

Trata-se, na prática, de uma via de mão dupla entre o museu e a educação. O museu apresenta-se como um espaço de apropriação do conhecimento assumindo assim um compromisso com a educação, e esta se utiliza desses conhecimentos para a transformação social. Assim, as práticas educativas passam a ser instrumentos de aprendizagem que promovem a comunicação entre

comunidade e escola, com intenção de valorizar as heranças culturais e trazê-las para o cotidiano através da imaginação dos envolvidos, criando uma gama de possibilidades.

Para a disciplina de Sociologia a ação educativa no espaço museológico possibilitou experiências individuais e coletivas, permitiu aos alunos se colocarem em papéis e contextos distintos da sua realidade, e adquirir diferentes formas de interpretação nesse processo de construção do saber. Devido ao grande número de informações sociológicas diferentes presentes nesse espaço, que possibilitaram aos alunos transitarem em “diferentes mundos”, constatou-se um enorme interesse por parte dos mesmos em pesquisar, questionar e refletir sobre a dinâmica da sociedade, indo ao encontro dos princípios dessa disciplina escolar.

Diante disso, cada vez mais professores de diferentes áreas do conhecimento procuram o Museu Histórico para conhecer e explorar pedagogicamente este espaço, com o objetivo de dar qualidade às aulas, e em contrapartida, o museu tem procurado oferecer condições para que esta parceria aconteça, através de palestras, espaços para pesquisa, oficinas, entre outros. Deixar de ser um local apenas para visitação passiva, para a apreciação é uma das preocupações do Museu Histórico Fernando Ferrari, o qual preza pela interação ativa com o público e com os alunos.

Nessa perspectiva, surgiu a ideia de realizar uma atividade pedagógica no espaço museológico, juntamente com um professor de Sociologia da rede estadual de ensino e alunos do 2º ano do ensino médio, a fim de estreitar os laços entre museu e escola.

Figura 1: Alunos do 2º ano do Ensino Médio – reflexões no espaço museológico.



Fonte: Autora

Vale destacar neste momento que museu e escola embora possam ser parceiros na busca pelo conhecimento e socialização, são universos particulares devido às complexidades estruturais, funcionais e os objetivos de cada um.

De acordo com a Lei nº 11.904/2009 (Art. 1º), consideram-se museus as:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Conforme a Lei, o museu possui uma gama de funções, que possibilitam várias interpretações a um público heterogêneo. Nele os conhecimentos vão sendo construídos no cotidiano, através de conversas e convivências, sem conteúdos pré-definidos e avaliação sistematizada, dando uma maior autonomia à construção do conhecimento.

Já na escola, observa-se uma organização educacional organizada, sistemática e burocrática. Para Gohn (2005) a educação escolar é aquela considerada oficial, ministrada por entidades públicas ou privadas e desenvolvidas no contexto da sala de aula, com intencionalidade, obrigatoriedade, conteúdos definidos e o professor como o principal responsável.

Seguindo no contexto espaço museal e espaço escolar, é importante ressaltar que esta ação educativa iniciou na escola a partir do trabalho do professor em sala de aula, o qual fundamentou o conteúdo a ser explorado no museu, oferecendo assim subsídios para que os alunos conseguissem relacionar, interpretar e contextualizar as informações e aprendizagens. Quando chegaram ao museu os alunos já tinham uma base teórica para apoiar-se, realizar constatações e construir novos conhecimentos.

Essa é a prova de que,

O museu (ensino não formal) não pode substituir a escola (ensino formal). Cada um possui seu papel, que não deve ser ignorado. O que destacamos é a parceria entre as instituições, importante tanto para a preservação do patrimônio como para o aproveitamento do mesmo na vida dos alunos. Salientamos a importância do museu para o processo de ensino aprendizagem, acreditando que o mesmo é um lugar vivo e dinâmico, onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada. (SANTOS,2008, p. 125)

Sendo assim, formalização da ação educativa dentro do museu aconteceu através de explicações, comentários e questionamentos a respeito do conteúdo sociológico escolhido para esta atividade, a Indústria Cultural. Como já havia sido trabalhado em sala de aula, o professor partiu desse conceito e foi articulando com outros assuntos que compõem a disciplina.

O tema Indústria Cultural pode ser muito bem explorado no museu histórico uma vez que o mesmo possui um acervo rico relacionado à temática, que evidencia as transformações ocorridas na sociedade em diferentes épocas através da tecnologia, cinema, música, meios de comunicações, enfim, através dos diferentes ramos que instigam o consumo e a massificação dos costumes.

Baseando-se em Adorno (1992 e 1999), a Indústria Cultural limita a formação de indivíduos autônomos, independentes e capazes de decidir de maneira consciente. Nesse fenômeno, tudo se torna negócio, com fins comerciais e lucrativos no qual se perpetua a alienação. Um dos exemplos é o cinema, um mecanismo que antes era de lazer, uma forma de arte e que hoje se tornou um meio eficaz

de manipulação de desejos, valores e hábitos, fazendo com que o povo se identifique com o que é apresentado.

Nesse contexto o professor requisitou aos alunos que listassem objetos e instrumentos encontrados no Museu Histórico que estivessem relacionados à Indústria Cultural, e a partir dessas listas fossem feitas algumas reflexões no grande grupo. Verificou-se entusiasmo e admiração por parte dos alunos ao realizarem a atividade. Além de conhecer o acervo muitos disseram já ter visto em casa de familiares exemplares semelhantes aos encontrados no Museu, e os relacionaram a conceitos já elaborados cognitivamente.

Com o desdobramento dessa ação ficou clara a ideia de que o aluno ao ter suas vivências valorizadas pelo professor demonstra um maior interesse em aprender e em transformar em conhecimento aquilo que for significativo para ele, que se encaixe na sua realidade.

Nessa perspectiva, o Museu Histórico Fernando Ferrari possui no seu acervo artefatos do cinema das décadas de 40 e 50, sendo a primeira parada por parte da turma para discussões sobre o conteúdo Indústria Cultural.

Figura 2: Projetores Cinematográficos – Acervo Museu Histórico Fernando Ferrari.



Fonte: Autora

Foram realizadas comparações com o cinema contemporâneo, linguagem, importância, características e a evolução da tecnologia cinematográfica ao passar dos anos para dar conta do mercado exigente e promissor que hoje se apresenta. Os alunos manifestaram-se com naturalidade, chegando a conclusões coerentes entre o que aprenderam em sala de aula e o que constataram no espaço museológico, expuseram suas ideias como segue:

“A tecnologia avançou de tal forma que se produz mais filmes do que antigamente”.

“Aumentou a qualidade e a velocidade com que os filmes chegam aos cinemas e as nossas casas”

“A maior parte dos filmes fazem propaganda de alguma grande empresa”.

“Com a internet não precisamos gastar nem sair de dentro de casa, o cinema vem rápido”.

“Geralmente os cinemas localizam-se em Shopping, tornando-se cinema e mercado, instigando o consumo”.

“O inglês aparece muito nos filmes- é universal”.

Para a Sociologia, que já passou por tantos percalços até a sua consolidação como disciplina obrigatória no Ensino Médio brasileiro, como já foi citado, ter alunos interessados e motivados a aprender conteúdos tão abstratos é um desafio, por isso a importância de ações que vão além da sala de aula. Compartilhando da ideia de Bourdieu quando diz:

Passou o tempo das pastas de couro, dos uniformes de aspecto austero, do respeito devido aos professores, outros tantos sinais de adesão manifestados diante da instituição escolar pelas crianças oriundas das famílias populares, tendo cedido o lugar, atualmente, a uma relação mais distante: a resignação desencantada, disfarçada em negligência impertinente é visível através da indigência exibida do equipamento escolar, os cadernos presos por um barbante ou elástico transportados de forma displicente em cima do ombro, os lápis de feltro descartáveis que substituem a caneta-tinteiro de valor oferecida para servir de encorajamento ao investimento escolar ou na ocasião do aniversário, etc.; tal resignação exprime-se também pela multiplicação dos sinais de provocação em relação aos professores, como o walkman ligado, algumas vezes, até mesmo na sala de aula, ou as roupas ostensivamente descuidadas, e muitas vezes exibindo o nome de grupos de rock da moda, inscritos com caneta esferográfica ou com feltro, que desejam lembrar, dentro da escola, que a verdadeira vida encontra-se fora dela. (BOURDIEU, 2008, p.224).

Seguindo a gama de constatações e reflexões realizadas pelos alunos acerca da temática Indústria Cultural ressalta-se a importância da música nesse contexto. Ao encontrarem discos de vinil das décadas de 60, 70, 80 já identificaram o intuito comercial do material, e a influência do áudio nas relações sociais, econômicas e políticas da época e da atualidade. Exploraram nomes de gravadoras, letras das músicas, capas, enfim o conjunto de elementos que envolvem essa representação artística, cultural e também comercial.

Desse encontro entre a disciplina de Sociologia com a música surgiram algumas conclusões, como:

“A música atualmente é mais negócio do que arte”

“As letras das músicas antigamente eram mais elaboradas do que hoje. Hoje é com pouco “conteúdo”.

“Existem músicas que de tão tocadas ficam na nossa cabeça. Música massiva”.

“Os artistas tornam-se símbolos e aparecem muito mais do que a própria música”.

“O apelo ao consumo aumentou muito de uns anos para cá, através da música e meios de comunicação”.

Figura 3: Coleção de discos de vinil – Acervo do Museu Histórico Fernando Ferrari



Fonte: Autora

É válido salientar que a música basicamente compreendida como expressão de arte, também é a expressão de pensamentos, valores, ideologias. O fazer musical está vinculado às mais variadas práticas sociais, fazendo-se presente na educação, na religiosidade, nos momentos solenes, no trabalho, enfim, perpassa as representações restritamente artísticas e se incorpora na trajetória política, econômica e cultural da humanidade. Sendo assim, a música é um elemento poderoso da Indústria Cultural, uma vez que para Adorno (2002) visa à integração das massas ao sistema de consumo e aprofundamento da condição alienante. Essa condição alienante da qual o autor fala diz respeito ao conformismo, a não resistência ao sistema, ao individualismo e a ilusão de mundo que se cria em torno das facilidades, do consumo e reprodução de comportamentos.

O mais importante nessa ação educativa foi ver os alunos estabelecendo conexão entre o conteúdo Indústria Cultural e suas próprias vidas. Percebeu-se que além de estarem aprendendo o conteúdo também refletiam sobre seus comportamentos diários de maneira crítica identificando seus exageros, suas omissões e inversão de valores. Admitiram que muitas das atitudes do cotidiano foram influenciadas pela televisão, revistas, redes sociais, enfim, pelos meios de comunicação, os quais tem a capacidade de expressar conteúdo e informações, criar sensações e até confundir a realidade. Nesse

contexto, os alunos se perceberam como parte integrante da Indústria Cultural, através da compra, do consumo, dos hábitos e que não há como fugir desse processo ao qual estão inseridos. Embora seja praticamente impossível não ser influenciado pela Indústria Cultural nos dias de hoje, permitir reflexões acerca do tema é uma das missões da disciplina de Sociologia.

Diante das discussões a respeito da interferência da mídia no cotidiano dos cidadãos, alguns alunos levantaram a ideia de que a Indústria Cultural não tem só o seu lado “vilão”, que fabrica ilusões padronizadas a fim de obter lucro e reproduzir interesses. Compartilharam da ideia de Benjamin (1994) o qual via um lado bom no fato da Indústria Cultural alcançar diversas pessoas, com realidades absolutamente diferentes. Para o autor ela permite a democratização da arte e a possibilidade de levar cultura a um maior número de pessoas. Um exemplo disso é a fotografia e o cinema os quais permitem conhecer e alcançar um “mundo” distante sem ter de se deslocar.

Recorre-se aqui a ação educativa realizada no Museu Histórico Fernando Ferrari, a qual permitiu apreciações de imagens e contestações de momentos histórico-culturais diferenciados, que retratam a cultura, a política e a economia, enfim, as tendências do passado e da atualidade. Na visão dos alunos a linguagem fotográfica produz informações, dissemina ideias, costumes, sendo hoje um dos meios de comunicação visual que mais alcança a população em função do forte desenvolvimento tecnológico que possui. É na sociedade que a fotografia encontra sua ação, sua dinâmica, sua missão, proporcionando um encontro entre o real e o imaginário, o passado e o presente. Para Sontag (1981), a fotografia brinca com diferentes escalas de mundo, surge, desaparece, é comprada, é vendida, é reproduzida, encaixando-se assim ao conteúdo sociológico mencionado no desenrolar desse trabalho; a Indústria Cultural. Essas diferentes escalas de mundo citadas pelo autor tornam-se de certa forma insignificantes, considerado o potencial da linguagem visual em “encurtar” distâncias.

Atenta-se, para o fato de que a produção desenfreada de informações sejam elas fotográficas ou cinematográficas, exigem um avançado grau de discernimento do receptor, para que esse não se torne um reproduzidor despreparado de informações superficiais, ideias, hábitos e de valores, deixando de lado os benefícios da democratização da linguagem visual para cair no círculo vicioso da Indústria Cultural.

A ação educativa realizada no Museu incitou a tríade conceitual Ensino de Sociologia, espaço museológico e indústria cultural como um fio condutor entre educação formal e não formal, demonstrando que é possível construir saberes sociológicos em diferentes espaços sem que se perca a especificidade de cada conceito. Ficou claro que a disciplina de Sociologia pode utilizar-se de diferentes ambientes para abordar a mesma temática a ser trabalhada em sala de aula, o que se difere é a amplitude e a forma de apresentação dessas temáticas. Nessa perspectiva um aspecto favorável é a

possibilidade de lançar novos olhares para os conteúdos trabalhados e ultrapassar os limites da disciplina.

Essa perspectiva de ensino e aprendizagem em Sociologia requer professores com profundo conhecimento na área e comprometidos com o seu fazer docente, para que os conteúdos trabalhados em sala de aula, ou em outros espaços contribuam significativamente para a transformação social, de modo que as vivências dos educandos sejam valorizadas. Aponta-se aqui para a necessidade de pensar e repensar as estratégias didáticas que envolvem essa área do conhecimento, de maneira que a Sociologia não se torne apenas uma disciplina obrigatória no Ensino Médio, mas uma opção de vida, uma possibilidade de conhecer e se reconhecer no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios que envolvem a Sociologia como disciplina do Ensino Médio brasileiro são inúmeros, e referem-se não só as condições de infraestrutura como também o fazer docente. Tê-la como obrigatória nos currículos de Ensino Médio foi fruto de uma grande luta pelo reconhecimento e pela legitimidade dessa disciplina, como forma de contribuir para a formação do ser humano nas suas mais diversas dimensões. Nesse aspecto, a Sociologia possui um papel muito importante tanto na sociedade quanto no próprio espaço escolar uma vez que desperta nos alunos reflexões sobre a realidade social, incluindo abordagens políticas, econômicas e culturais, em prol da construção de novas formas de se pensar o mundo no qual se vive.

Levando em consideração a ação pedagógica realizada no espaço museológico constatou-se que para a Sociologia cumprir significativamente com sua função no sistema de ensino é necessário um fazer pedagógico que vá além dos muros escolares e que convide o aluno ao conhecimento, para que os conceitos abstratos dessa disciplina se tornem mais reais e agradáveis de ser aprendido.

Nesse caso, o espaço museológico tornou-se um grande “laboratório” de estudos sociais, onde foi possível instigar a curiosidade dos alunos, incentivar o debate de ideias e a participação de toda a turma, abrindo espaços para a coletividade, para o desenvolvimento da autonomia, o conhecimento de diferentes realidades e a aprendizagem de vários assuntos da disciplina. Por meio dos relatos e da motivação dos educandos percebeu-se que é necessário proporcionar novas formas de ver e entender o mundo através da Sociologia, abrindo mão de práticas meramente reprodutivas e incluindo ações que envolvam uma educação construtiva.

Diante disso, esse trabalho mostrou que inovar nas aulas de Sociologia não significa deixar de lado o conhecimento prévio dos alunos, nem desconsiderar os estudos teóricos que permeiam a disciplina. Significa considerá-los bases para a construção de novos conhecimentos, para a

alfabetização sociológica necessária aos alunos ao intervir no próprio meio. Nesse caso, o Museu apresentou-se como um coadjuvante das ações pedagógicas em Sociologia ao flexibilizar os processos formais de ensino e aprendizagem e ainda despertar o desejo de aprender nos alunos. Cury (2007) acrescenta que além de ser um local que guarda um patrimônio cultural, o museu mostra-se, igualmente como um ambiente de sedução, de encantamento e reflexão, pois a comunicação museológica é a comunicação dos sentidos, que traz à tona o presente, o passado e o futuro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Mínima Morália: Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bisca. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Textos Escolhidos*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *A indústria cultural e sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, vol.1

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. 10 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

BRASIL, Lei Federal 11.684 de 02 de junho de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm Acesso em: 05 de janeiro de 2009.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 15 nov. 2009.

CURY, M. X. *Exposição, uma linguagem densa, uma linguagem engenhosa*. In: VALENTE, M. E. A. (Org.), *Museus de Ciências e Tecnologia, interpretações e ações dirigidas ao público*. Rio de Janeiro: MAST, 2007.

FELIX, L. O. *Política, memória e esquecimento*. In: TEESCO, J. C. (Org.). *Usos da memória*. Passo Fundo: UPF, 2002.

FERRAROTTI, Franco. *Sociologia*. Lisboa: Teorema, 1896.

GASPARIN, João I. *Uma didática para a pedagogia histórico – crítica*. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

ICOM 1986. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/eticaicom.htm>>

NASSARALA, N. L. R. **Apresentação**. In: FONSECA, A. C. B. da; RONQUE, M. A. **Museu: ação educativa e cultural**. Bauru, SP: [s.n.], 2003, p. 3-4.

SANTOS, M. C. T. M. **Museu e educação: conceitos e métodos**. In: Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

SILVA, Ieizi Luciana Fiorelli. 2004, **A Sociologia no Ensino Médio: perfil dos professores, dos conteúdos e das metodologias no primeiro ano de reimplantação nas escolas de Londrina – PR e Região – 1999**. In: CARVALHO, Lejeune (org.). Sociologia e Ensino em Debate: experiências e discussões.

_____. **A imaginação sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes**. Simpósio Estadual de sociologia. Curitiba: 2005a. Disponível em: <<http://www2.uel.br/grupoestudo/gaes/pages/arquivos/Ieizi%20MINI%20CURSO%20A%20Imaginacao%20Sociologica.doc>>. Acesso em: 23 dez. 2009.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro, Arbor, 1981.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS”. Maringá, PR, 2007. Disponível em: <http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2012.

Revista Museu ISSN 1981-6332. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp>. Acesso em 03/12/2015.

TOMAZI, Nélon Dácio. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo: Editora Atual, 2007.

_____. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo: 2010.

VIANA, NILDO. **Introdução à Sociologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.